

Carta-convite

Há esperança?

Nos momentos em que nossas construções se tornam escombros, sejam elas materiais, sociais ou psíquicas, somos conduzidos a reconhecer que não somos senhores de nossa própria casa e percebemos nossos alicerces profundamente abalados. Abatidos, podemos esmorecer, ou até mesmo sucumbir, mas é também nesse momento que, apesar dos estragos e da desolação, apesar da destruição, como a flor no asfalto de Drummond (Andrade, 1945/2012, pp. 13-14), um sinal de vida pode apontar alguma saída, um novo caminho, uma esperança de futuro.

Esperar é reconhecer-se incompleto, escreve Guimarães Rosa (2009, pp. 84-85). Paulo Freire distinguia a esperança baseada no verbo *esperar*, aquela que aguarda uma salvação vinda de fora, da esperança baseada no verbo *esperançar*, a “esperança crítica” do “juntar-se com outros para fazer de outro modo” (2001, p. 12).

Estamos em novembro de 2023. Depois de sobreviver à pandemia, talvez tenhamos imaginado, ingenuamente, que a pandemia de covid-19 poderia nos valer como alerta sobre a precariedade do homem diante de um vírus e sobre a importância de pactos que garantam a manutenção da vida humana, mas não. Às tantas guerras invisíveis na África e na Ásia, somam-se as guerras na Ucrânia e em Gaza, aumentando ainda mais o rastro de mortes e de destruição que temos à nossa frente.

Pois bem, indo direto ao ponto (até porque a esperança busca, sem rodeios, o essencial), perguntamos: quais destinos conseguimos dar para a nossa destrutividade? Quais recursos temos diante da desmedida (*hybris*) humana? Esperamos uma salvação vinda de fora? Esperançamos, de fato, mudanças advindas de uma efetiva implicação nossa no mundo em que vivemos?

* * *

Ao final da carta aberta “Por que a guerra?” (texto ao qual somos praticamente obrigados a retornar de tempos em tempos, não é mesmo?), Freud formula uma questão e esboça uma resposta:

E quanto tempo teremos de esperar até que os outros também se tornem pacifistas? Não há como dizer, mas *pode não ser uma esperança utópica* que a influência desses dois fatores, da atitude cultural e do justificado medo das consequências de uma guerra futura, venha a terminar com as guerras num tempo não muito distante. (1932/2010, p. 434, grifos nossos)

Grifamos a passagem *pode não ser uma esperança utópica*. Nela se encontra a expectativa de Freud de que dois fatores – o processo de evolução cultural e o medo da destruição final – conduzissem a humanidade à revolta conjunta contra a guerra. Só aí, e quem sabe?, as guerras de extinção cederiam lugar para a extinção das guerras. Talvez aqui encontremos uma primeira resposta para nossa pergunta.

Mas, se dirigimos essa mesma interrogação ao livro *Há mundo por vir?* (Danowski & Castro, 2014), bem como à maioria dos autores-ecologistas ali citados, o panorama muda consideravelmente. O medo da destruição final – um dos fatores que, para Freud, possivelmente nos retiraria dessa eterna repetição de guerras cada vez mais devastadoras – talvez não seja um aliado que chegue a tempo. É certo que aqui os adversários mudaram: *homem x homem* tornou-se *homem x mundo*; mas ainda é uma guerra, a mais constante de todas, a única realmente *mundial*, uma guerra do homem contra si mesmo, já que o que se destrói é tudo aquilo que garante a vida humana no planeta.

Anos antes de escrever “Por que a guerra?”, na entrevista frequentemente lembrada que concedeu ao jornalista George Viereck em 1926, Freud (1926/2020) diz que não aspira à glória póstuma e que o que o preocupa, de fato, é o destino de seus filhos. E, em 2023, diante dos efeitos climáticos produzidos e denegados pelas sociedades industriais e pós-industriais, a preocupação de Freud se torna mais vívida do que nunca: que planeta estamos deixando para as próximas gerações?

* * *

Na clínica somos também visitados pela pergunta sobre se há esperança. O analista algumas vezes se encontra diante de situações que põem em xeque suas ferramentas analíticas, ocasiões nas quais a aposta no processo e a sustentação do investimento se tornam essenciais. Winnicott (1956/2021) foi um dos psicanalistas que deram à esperança e à sobrevivência do analista um papel capital. Sintomas muitas vezes considerados graves e até mesmo a

tendência antissocial foram vistos por ele como manifestação de esperança, movimento em direção ao objeto. Assim, a agressividade não seria pura destrutividade ou descarga, mas a busca pela ligação com o outro: a esperança de ser visto e ser amado. A esperança de ser encontrado. Para o autor, a esperança é uma condição para que a análise se dê: *com esperança a análise pode se dar; sem ela, não.*

Se, de uma perspectiva clínica é possível fazer uma distinção entre agressividade e destrutividade, como podemos pensar, com base em uma ética da psicanálise, pequenos veios que permitam alguma ligação, elaboração ou sublimação da destrutividade, seja do ponto de vista da clínica, dos movimentos sociais ou ainda no trabalho da cultura?

Convidamos os autores a escreverem suas reflexões em torno do tema “Há esperança?”, em artigos a serem encaminhados para avaliação até a data-limite de 15/2/2024. Lembramos que também serão aceitos artigos não temáticos e que as normas para publicação se encontram ao final de cada número do *Jornal* ou em [normas-portugues.pdf](https://sbpsp.org.br/normas-portugues.pdf) (sbpsp.org.br).

Referências

- Andrade, C. D. de (2012). A flor e a náusea. In C. D. de Andrade, *A rosa do povo*. Companhia das Letras. (Poema original publicado em 1945)
- Danowski, D. & Castro, E. V. de (2014). *Ha mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro/Cultura e Barbárie/Instituto Socioambiental.
- Freire, P. (2001). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.
- Freud, S. (2010). Por que a guerra? In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 18, P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, S. (2020). O valor da vida (uma entrevista rara de Freud) (P. C. de Souza, Trad.). *Ide*, 42(69), 11-15. (Trabalho original publicado em 1926)
- Rosa, J. G. (2009). Desenredo. In J. G. Rosa, *Tutaméia* (Terceiras estórias). Ediouro.
- Winnicott, D. W. (2021). A tendência antissocial. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1956)

Editora: Berta Hoffmann Azevedo

Editor associado: Ricardo Trapé Trinca

Equipe editorial: Bruno Profeta Guimarães Figueira, Cibele Amaro Pires Rays, Claudia Amaral Mello Suannes, Cristiana Tiradentes Boaventura, Denise Salomão Goldfajn, Gizela Turkiewicz, Helena Cunha Di Ciero, Ludmila Y. Mafra Frateschi e Luiz Moreno Guimarães Reino